

A vida é um jogo. Hunter Kelly é...

Um ~ campeão

POR LYNN ROSELLINI



Jim Kelly e o filho,
Hunter, jogam
futebol americano
juntos, ainda que
num tabuleiro.



FOTOGRAFADO POR JOE MIGNALLY

NÃO CHORE. Pelo menos, não diante dos outros.

“O prognóstico não é bom”, começou o médico. “A maioria das crianças não passa dos 14 meses.” No consultório do neurologista, Jim Kelly, ao lado da mulher, Jill, sentiu o rosto enrijecer.

Fique firme. Nunca demonstre dor. Foi isso que lhe ensinaram.

“É genético”, seguia explicando o médico. As palavras chegavam a Kelly embaralhadas: “bainha de mielina... terminações nervosas... deficiência de desenvolvimento...” Bainha de mielina? O que ele sabia sobre isso? Jogadores prontos para o ataque, dispostos a arrancar sua cabeça, isso fazia sentido. Quatro finais, quatro derrotas terríveis, tudo bem. Mas isso? Essa mistura oculta de substâncias químicas que estava matando seu filho de 4 meses?

No caminho de casa, Jill chorou, soluçando. Jim, porém, não conseguia reagir. A tristeza é estranha assim. Semanas mais tarde, ele estaria num quarto de hotel em Dallas ou Los Angeles para uma sessão de autógrafos ou uma palestra sobre motivação. E, de repente, sentiria o buraco no coração, com todos os sonhos que havia jogado ali: acampar e jogar bola com o filho, talvez até vê-lo da arquibancada...

E, sozinho no quarto, Jim Kelly se sentaria na beira da cama e choraria.

A HISTÓRIA COMEÇA COM UM SONHO. Hunter Kelly veio ao mundo no dia do aniversário do pai, em 14 de feve-

reiro de 1997. Algum menino teria sido aguardado com tamanha ansiedade? Não que Kelly tivesse algo contra meninas. A filha, Erin, de quase 2 anos, era tratada pelo pai como uma princesinha. Kelly, no entanto, tinha cinco irmãos e, no mundo exclusivamente masculino dos vestiários de futebol, um homem deveria ter um filho homem. “Eu o vi ganhar jogos muito importantes”, lembra o irmão Dan. “Mas nunca vi ninguém tão emocionado e feliz quanto Jim quando Hunter nasceu.”

Ele telefonou para todos que conhecia: família, amigos da faculdade, colegas do time. “Já sabe que tive um filho?”, perguntava. E fazia uma pausa para causar maior impacto, acrescentando: “Já disse que é um menino?”

Desde o início, porém, Hunter se mostrou diferente dos outros bebês. Parecia normal, com os cabelos castanhos do pai e os olhos verdes da mãe, mas chorava quase o tempo todo. Não comia. Às vezes, o corpo enrijecia de maneira estranha. O médico disse a Jill que era cólica. Mas os meses se passaram, e Hunter não melhorava. Então os clínicos começaram a falar de possibilidades mais assustadoras: paralisia cerebral ou um grupo de doenças chamadas leucodistrofias. E, a cada consulta, Kelly sentia uma parte de sua vida se desintegrando.

Fora uma vida encantada. Em East Brady, Pensilvânia, Jim havia sido estrela do basquete mirim, da liga infantil e do futebol americano na

escola secundária. “Éramos todos bons”, recorda Dan Kelly, “mas Jim tinha talento.”

Não que não se esforçasse para isso. Os meninos da família Kelly aprenderam desde muito cedo a prezar a resistência. Brigas? O mecânico Joe Kelly obrigava os cinco filhos a calçar luvas de boxe e lutar. Futebol americano? Tudo bem, mas era preciso querer muito para praticar o esporte. Aos 10 anos, Joe fazia Jim voltar para casa depois da escola a fim de treinar na hora do almoço -

gem que ganhou o coração dos torcedores do Buffalo Bills quando Kelly assinou contrato em 1986. “Kelly é Deus”, dizia um cartaz em sua estréia no time, e de fato parecia que o mundo do lançador era tocado de magia. Com o vigor de Kelly, o Buffalo Bills venceu campeonatos durante quatro anos consecutivos no começo da década de 90. Kelly foi escolhido para o Pro Bowl (o jogo das estrelas do futebol americano) cinco vezes. E, quando um amigo o apresentou a Jill na festa que se seguiu a um jogo, outra

Talvez o sonho ainda estivesse ao alcance de Kelly. Talvez um filho pudesse completá-lo.

enquanto os irmãos comiam. Na Universidade de Miami, Jim se esforçou tanto na recuperação de um deslocamento de ombro que saiu do aparelho vomitando. Quando chegou às equipes profissionais, às vezes era atacado com tamanha violência que a cabeça quicava no gramado. Em seguida, ele se levantava como se nada tivesse acontecido.

“Algumas vezes me batiam com tanta força que eu não conseguia respirar”, conta ele. “Mas eu me erguia porque sabia que meus irmãos estavam na arquibancada falando: ‘Não deixe que eles vejam que está machucado!’ Desde cedo aprendemos a esconder nossas emoções.”

Foi exatamente esse tipo de cora-

peça do quebra-cabeça se encaixou. Os dois namoraram vários anos, tiveram a primeira filha, Erin, e se casaram com toda a pompa em 1996.

O sonho teve um parêntese, porém: quatro derrotas em finais de campeonato. A imagem de perdedor pesava sobre ele. “Se penso no assunto e começa a doer, mudo de pensamento na hora.” A educação de Kelly o fez assim durão.

Quando chegou o dia de deixar os campos definitivamente, em janeiro de 1997, a gravidez da mulher amenizou a situação. Talvez o sonho ainda estivesse ao seu alcance, talvez um filho pudesse completá-lo...

No entanto, os médicos agora diziam que Hunter sofria da doença de



A mulher, Jill, as filhas, Erin e Camryn, e o filho, Hunter, mostraram a Jim que há vida além das linhas do campo de futebol.

Krabbe, enfermidade rara e fatal causada por genes recessivos transmitidos por ambos os pais. O menino morreria aos poucos, disseram, primeiro sofrendo convulsões, depois perdendo a capacidade de engolir, mover-se, ver, ouvir, respirar.

Hunter passava os dias irritadiço, sem conseguir dormir. Não sorria. Já não sugava o leite da mamadeira e mal movimentava os braços e as pernas. A casa parecia uma enfermaria, com um pequeno exército de terapeutas e enfermeiros presente 24 horas por dia.

O que Kelly podia fazer enquanto via o filho definhando? Não era muito útil como enfermeiro. “Hunter é frágil. Eu sou bruto”, conta ele. “Quan-

do eu o segurava, ele se debatia, ficava tenso. Não sei segurá-lo. Nem fazer a mamadeira. Misturo tudo errado. Além disso, não sei ficar parado. E é isso que temos de fazer com Hunter.” Acariciando o cabelo do filho, Kelly costumava murmurar: “Papai não faz nada direito.”

No entanto, havia algo que papai podia fazer muito bem. “Se existe um momento para usar o seu nome”, sugeriu Jill, “é agora.” Havia a possibilidade de transplantes experimentais de medula óssea ou de sangue em bebês com doença de Krabbe, com algum êxito, mas apenas nos primeiros três meses de vida. Era tarde demais para Hunter. Mas a fama de Jim poderia espalhar a notícia e ajudar outras crianças.

Assim nasceu a Fundação Hunter's Hope (huntershope.org). Jim estava de volta aos holofotes da mídia. Mas, em vez de falar sobre futebol,

falava de bainha de mielina, uma estrutura complexa que protege os nervos à medida que o cérebro se desenvolve. A formação da bainha precisa de uma enzima que não é produzida nos bebês com doença de Krabbe. “Acreditamos que Hunter esteja aqui para ajudar outras crianças”, dizia Jim nas palestras.

Enquanto Jill ficava em casa cuidando de Hunter, Jim explicava aos entrevistadores como detectar os sintomas, onde achar tratamento e como fazer doações. Em quatro anos, a Fundação Hunter’s Hope levantou 3 milhões de dólares para pesquisas.

Então algo surpreendente aconteceu. Hunter Kelly se mostrou tão bom lutador quanto o pai. Entrando e saindo de hospitais, recuperando-se de 12 pneumonias, comemorou o primeiro aniversário, depois o segundo e o terceiro.

Kelly começou a chamar o menino – que não parava de vencer obstáculos – de “meu herói”. Hunter era sua inspiração, ensinando-lhe a humildade e o valor da vida.

Quando o filho completou 2 anos, Jill decidiu correr o risco e teve outro bebê, uma menina saudável que batizaram Camryn. O sexo da criança já não importava para Jim. Ele

beijava e abraçava os três filhos com tanta frequência que seus braços pareciam vazios sem eles.

“GAROTÃO VALENTE.” Kelly se inclina sobre o corpinho frágil de Hunter no sofá da sala. Aos 5 anos, o menino é um milagre de resistência. Embora os médicos não saibam quanto ele ouve e compreende, Jim e Jill acreditam que ele se comunique piscando os olhos para dizer “sim”.

“Quem passou por tudo que meu filho passou é muito valente.” Kelly coloca um disco de plástico no peito do filho e começa a bater de leve. Hunter precisa de terapia seis vezes por dia para soltar o muco no peito. O cabelo castanho do menino se espalha sobre o travesseiro. Um tubo para alimentação está inserido em sua barriga, por baixo do pijama.

Nos últimos tempos, Kelly começou a conversar com o filho sobre um assunto que já foi tabu na família: o futuro. Em fevereiro de 2002, Jim Kelly foi eleito para o *Hall* da Fama do Futebol Americano Profissional. Pensando na cerimônia, visualiza o momento: ele e o filho, o *hall*, a multidão. Pelo tubo de oxigênio, o filho respira superficial mas regularmente – música de fundo para o sonho do pai.

MORTIFICANTE

Quando o marido de minha irmã morreu, ela foi ao banco acertar a situação da conta conjunta.

Olhando a ficha, a bancária perguntou:

– Qual dos dois faleceu?

C. KOWALSKI, EUA

